

PREFÁCIO AO ESBOÇO DE UMA PHILOSOPHIE CONCRÈTE DE VLADIMIR JANKÉLÉVITCH

PREFACE TO THE SKETCH OF A CONCRETE PHILOSOPHY BY VLADIMIR
JANKÉLÉVITCH

*Paulo Fernandes Braga*¹

Resumo:

Tradução do prefácio de "*Esquisse d'une philosophie concrète*", em que o professor da Universidade Sorbonne Vladimir Jankélévitch analisa a obra de Philippe Fauré-Fremiet ao longo de mais de vinte anos, destacando sua abordagem, especialmente em relação à memória. Fauré-Fremiet (1954) critica a tese bergsoniana do "fluxo de consciência" e propõe a ideia de recriação em vez de conservação no que tange a questão da memória. O autor francês destaca a concretude da filosofia de Fauré-Fremiet, que aborda a experiência vivida, a distinção dos universos de objetivação e a recusa em privilegiar o tempo absoluto. A análise modal de sistemas ambíguos revela influências de Gaston Bachelard e E. Minkowski. O texto conclui destacando a luta contra as pequenas mortes contínuas e a busca pela luz sempiterna, associando essa busca à bem-aventurança. No final do prefácio, a linguagem litúrgica é evocada para expressar a agonia cotidiana e a esperança de transcender para a vida.

Palavras-chave: Filosofia Francesa; Philosophie Concrète; Filosofia Continental; Philippe Fauré-Fremiet.

Abstract:

Translation of the preface of "*Esquisse d'une philosophie concrète*," in which University Sorbonne professor Vladimir Jankélévitch analyzes the work of Philippe Fauré-Fremiet over more than twenty years, emphasizing his approach, especially concerning memory. Fauré-Fremiet (1954) criticizes Bergson's thesis of the "stream of consciousness" and proposes the idea of recreation instead of conservation regarding the issue of memory. The French author underscores the concreteness of Fauré-Fremiet's philosophy, addressing lived experience, the distinction of objective universes, and the refusal to privilege absolute time. The modal analysis of ambiguous systems reveals influences from Gaston Bachelard and E. Minkowski. The text concludes by highlighting the struggle against continuous small deaths and the pursuit of everlasting light, associating this quest with beatitude. In the preface's final moments, liturgical language is invoked to express daily agony and the hope of transcending into life.

Keywords: French Philosophy; Philosophie Concrète; Continental Philosophy; Philippe Fauré-Fremiet.

¹ Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul/SP (USCS), e MBA em História da Arte (USCS). Psicólogo e psicoterapeuta. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9205509580094684>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3616-5758>

Prefácio de Jankélévitch, professor na Sorbonne

Durante mais de vinte anos, Philippe Fauré-Fremiet segue em uma meditação solitária e original, mantendo uma independência que o leva a se unir, em muitos pontos, a antecipar e aprofundar as grandes teses da filosofia contemporânea. Nós, professores de filosofia, muitas vezes sobrecarregados por uma problemática tradicional ou bloqueados pela experiência concreta pela posição histórica de questões, sentiremos um forte senso de renovação diante da espontaneidade e integridade tão convincentes desse esforço.

O ponto de partida desse pensamento foi, assim como o pensamento bergsoniano, uma meditação sobre fatos de experiência psicológica, especialmente sobre o problema da memória. Philippe Fauré-Fremiet dedicou análises particularmente decisivas à denúncia da mitologia conservadora: a lembrança só existe quando recordada e apenas no instante da lembrança; a ideia de acumulação mnêmica ou "registro" é apenas uma metáfora, na melhor das hipóteses uma inferência ou conclusão de um raciocínio, nunca é constatada como uma dada imediata; a lembrança é vivida, mas a conservação, apenas uma maneira de falar, é inferida. Ao negar qualquer capitalização do passado, Philippe Fauré-Fremiet nos obriga a abandonar muitas analogias confusas, incluindo a ideia ética de um progresso escalonado por enriquecimento ou acumulação. As ideias de latência, virtualidade e continuidade, e, por conseguinte, a ideia de inconsciente, que foram as grandes descobertas da vida interior do século XX, tendem assim a mudar de sentido; sem justificar, no entanto, a psicologia do "drama" de Georges Politzer, Philippe Fauré-Fremiet trabalha para desmitificar a tese bergsoniana e jamesiana do "fluxo de consciência". Não há armazenamento de imagens, não há conteúdo em um recipiente, não há recipiente para memórias, e a própria metáfora da bola de neve apenas aplica à duração qualitativa localizações das quais Bergson havia demonstrado toda a futilidade quando se tratava de espaço. Mais geralmente: uma vez que as lembranças não são traços ou impressões gravadas no cérebro (o que foi a descoberta genial de Bergson), elas não são nem mesmo sobrevivências dentro de uma duração contínua (sobrevivência que Bergson havia admitido); a lembrança é radicalmente insituável. E, portanto, é o próprio pretérito, enquanto presença potencial, que é um mito. Com Santo Agostinho, Philippe Fauré-Fremiet poderia ter concordado em dizer: só há o presente; o passado está presente, e de maneira alguma é a reprodução de um modelo. A memória não é o aumento de um ter, é o exercício de um poder; a lembrança não é um dado totalmente feito, é o dinamismo de um esforço realizador. Em resumo, a ideia de recriação substitui de uma vez por todas a ideia de conservação. Seria necessário definir aqui, em seu novo sentido dinâmico, os termos que Philippe Fauré-Fremiet usa tão frequentemente e que ele de alguma forma fez suas: recriação, retomada de atitudes, virtualidade... Vamos esclarecer apenas: não se trata mais de sobrevivência passiva, mas de realização ativa; nem de contemplação especulativa, mas de repetição realizadora! Jogar, imitar e, de maneira drástica, reviver: Philippe Fauré-Fremiet encontrou no remorso o exemplo de uma atitude de reiteração que é ela mesma uma atitude. Por outro lado, a iteração mnemônica do passado, envolvendo a consciência qualitativa de uma repetição, mas não potencialidade, é ao mesmo tempo iterativa e inicial: tudo o que revivemos é, de alguma forma,

vivido como uma recreação, pela primeira vez; como o da reprodução efetiva de Max Scheler. Agora entendemos o motivo pelo qual a filosofia de Philippe Fauré-Fremiet se autodenomina "*concrète*": ela deposita, à sua maneira, a favor daquela marcha em direção ao concreto que Jean Wahl reuniu tantos sintomas na filosofia contemporânea. Concreta, ela o é primeiro, como a de Bergson, pelos problemas particulares de onde partiu. Mas é ainda mais concreta pela experiência vivida e quase dramática que a anima: o tom por vezes apaixonado de certas páginas sobre a liberdade e a escolha provará ao leitor que a autorrealização é, para Philippe Fauré-Fremiet, um problema tão vital quanto para Nietzsche; afirmar a si mesmo e se afirmar da melhor forma, como ele diz frequentemente, é a tarefa de cada um e de todos... Há mais: essa filosofia *concrète* é também escrupulosamente atualista e rigorosamente nominalista; atualista, primeiro, porque o passado para ela é uma coisa perdida, e não uma presença reprimida e potencialmente sobrevivente: hoje é hoje, e ontem não está contido no hoje! Nominalista, em seguida, a ponto de enfrentar em alguns momentos a acusação de solipsismo ou fenomenismo; entre os quatro modos de recriação que distingue: o mundo da realização vital, o universo do espaço-tempo *omnibus*, o mundo do animismo e o mundo qualitativo, Philippe Fauré-Fremiet recusa privilegiar de alguma forma o segundo, que, sendo a ordem da localização impessoal, representa *ipso facto* a ordem da ciência e da verdade; nenhuma promoção particular está prevista a favor do tempo e do espaço absolutos. Simplesmente, Philippe Fauré-Fremiet admite a objetividade dos "outros" e de suas realizações deslocadas que o eu, por transferência, "assume"; e ele admite, por outro lado, que uma conquista depositada pelos esforços realizadores dos homens se conserva, se não na memória individual, pelo menos na superfície do mundo. Mas ele permanece, não obstante, na grande tradição de lucidez e distinção da filosofia francesa: o *Esquisse D'une Philosophie Concrète* prende-se, após a Recriação do Real e a Ambiguidade (1940), a desembaraçar o embaralhamento dos universos e modos de objetivação que a consciência comum sobrepõe clandestinamente um ao outro; com extrema sutileza, Philippe Fauré-Fremiet denuncia as ambiguidades e confusões que presidem a essa sintaxe das misturas, e cuja ironia, angústia, e *pathos* do absurdo são os produtos híbridos: a *pseudo-ideia* do *nonsense* da vida, por exemplo, resulta da sobreposição a um mundo humano e apaixonado de um universo infinito baseado na mecânica celeste. Nessa análise modal de sistemas ambíguos, o pensamento do filósofo não é, por acaso, a consciência entre todas inambígua? Não é o pensamento unívoco das ideias equívocas? E ela não se exclui a si mesma dessa imanência antropológica?

Seja como for, Philippe Fauré-Fremiet inaugura, de maneira profundamente penetrante, um gênero de pesquisas que não é sem parentesco com as pesquisas de Gaston Bachelard e do Dr. E. Minkowski e que é suscetível de nos fazer avançar muito seriamente na compreensão da metáfora, da analogia e dos modos de participação humana em geral. Sua metodologia permanece, nesse aspecto, totalmente bergsoniana. O respeito pelos fatos, a ideia de uma "atitude" drástica sem relação com a especulação teórica é, sem dúvida, na filosofia fauréana, provas de apego a Bergson e ao pragmatismo em geral. No "*Esquisse D'une Philosophie Concrète*" encontraremos uma crítica sutil do Nada e de seus sucedâneos fantasiosos - o Vazio, a Ausência, o Negro; uma refutação da liberdade indiferente e imolada que ressoa na pura tradição nominalista da Evolução Criadora. É verdade que, não admitindo latência, esse negador do negativo torna a tarefa mais difícil do que Bergson... Portanto, talvez seja hora de esclarecer em que, mesmo rejeitando a

distinção das duas memórias, Philippe Fauré-Fremiet permanece mais bergsoniano do que ele mesmo pensa... Philippe Fauré sabe muito bem que ninguém desmascarou de maneira mais enérgica e lúcida os mitos espalhados do que Bergson; que essa descoberta de uma duração absolutamente heterogênea em relação a um receptáculo de imagens que seria o cérebro é a própria razão de ser do bergsonismo, e sua descoberta é verdadeiramente incontestável. Aqui está certo que “conservação” é (como reservatório) uma imagem espacial... Seria arriscado afirmar que o tempo bergsoniano é apenas esse modo paradoxal de conservação sem permanência, sem estar dentro e, por conseguinte, sem conservação ou reserva no sentido literal do termo? O filósofo da pura duração falaria de conservação da mesma forma que falamos do pôr do sol, sabendo que é a Terra que gira... Há um modo de existência espiritual, ambíguo, contraditório e quase inatingível para a lógica conceitual: é o de um passado que qualifica imperceptivelmente nosso ser atual sem literalmente sobreviver “em” nós nem dormir “dentro” de nossa duração, pois, literalmente, entre o momento em que esse passado foi presente e o momento em que eu o evoco, não subsiste nada! “Tempo” é o nome que damos a essa sobrevivência irrepreensível sem nada que sobreviva nem nada onde o passado sobrevivente possa viver. Continuidade e conservação são, portanto, modos de expressão, e Philippe Fauré-Fremiet, que rejeita a conservação no tempo contínuo assim como Bergson recusou o “ser-dentro” no cérebro, no espaço e na linguagem, seria, em suma, mais bergsoniano que Bergson ele mesmo, mais inflexível em suas deduções, mais rigoroso em suas análises.

Mas há ainda outro aspecto no pensamento de Philippe Fauré: uma experiência poética que ele deve ao seu temperamento de artista e seus dons literários; uma experiência musical ligada à influência paterna, ao meio familiar onde sempre viveu; uma experiência mística, enfim, que talvez ele extraia (permitir-me-á dizê-lo?) de sua simpatia inata pelos Cátaros, esses ultra-platônicos do sul albigense, cuja sublime quimera ele se orgulha de encontrar na música de Gabriel Fauré . Pois a filosofia *concrète* desemboca, em última análise, na transcendência. A duração fauréana é, antes de tudo, instrumental: ou seja, o ser temporal, longe de permanecer prisioneiro da imanência, utiliza sua duração para se realizar. Aquele que domina ou transcende sua duração está, portanto, interiormente intemporal; o ser humano é essencialmente intemporalidade e inextensão essencial!

Estamos tocando aqui uma origem radical, um imperativo categórico e de alguma forma axiomático. É verdadeiramente a instância última. Não há realidade além da realização. Mas por que o ser que se inclina para esse ser-mais, e que não é inexistente, quer se realizar? Para ser o mais possível! Nesse círculo vicioso do qual não se pode mais dar razão, nessa suprema tautologia da suprema posição de princípio, reside toda a metafísica do homem. Carregado de uma responsabilidade metaempírica, o ser intemporal que utiliza a aventura temporal se escolhe a si mesmo, como os filósofos diriam, por uma espécie de escolha indelével. Aqui, Philippe Fauré-Fremiet não apenas se junta a Kant, mas também a Platão: “αἰτία ἐλεμένου, θεός ἀναίτιος², proclama Láquesis, a Parca do passado”.

² A frase em grego “αἰτία ἐλεμένου, θεός ἀναίτιος, proclama Láquesis” parece estar incorreta na segunda palavra, escrito pelo autor “ελεμένου”. A transliteração para o alfabeto latino seria: “aitía eleiménou, theós anaítios” o que pode significar “Causa do misericordioso, Deus inocente, proclama Láquesis”. Parece também se relacionar com a ideia de “Dissolução” como um processo de

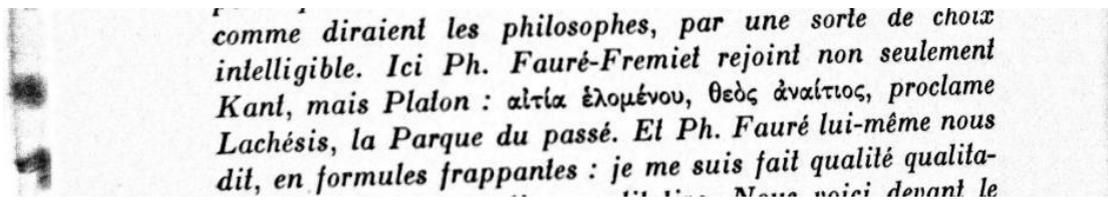


Figura 1. Texto em grego da primeira publicação.

E Philippe Fauré-Fremiet, ele mesmo, nos diz, em formulações impressionantes: “Eu me tornei qualitativamente, por uma opção qualitativa”. Aqui estamos diante do mistério da criação intemporal, que é também uma não-criação... Dessa essência eterna, Philippe Fauré-Fremiet pensa que pode haver intuição, quando o homem se faz poeta e apreende o mundo “*omnibus*” como um mundo não-dimensional (O universo não-dimensional e a vida qualitativa, 1948). Além disso, a filosofia *concrète* traz em si uma dupla afirmação pela qual seu otimismo se inscreve em oposição aos doutrinadores do desespero contemporâneo: aqui, nesta vida, a aventura temporal é uma oportunidade, uma vasta oportunidade que nos é dada para nos tornarmos o mais real possível; a liberdade é uma alegria e não uma angústia, e o homem portador do infinito é chamado a essa nascimento perpétuo que é a vitória sobre as trevas: a vida concreta, quando se deixa de sobrepor a um sistema espaço-temporal abstrato, recupera assim sua possibilidade e seu significado, no que diz respeito ao aquém, à parte do humanismo. E aqui talvez, para o além, a do misticismo: a aventura temporal nos oferece a possibilidade de nos realizar da melhor forma, mas esse “melhor” em si só faz sentido em relação a uma suprema maneira de existir que o tempo não conjura; desde que não tentemos imaginar o que é, por hipótese, o intemporal como um antes ou um depois do tempo (pois o homem interior à sua própria realização temporal não pode conceber nem o começo no tempo nem o fim dos tempos), nada nos impede de conjecturar um modo de existência invulnerável e, além das luzes sempre obscurecidas de uma afirmação sempre contestada, a luz sempiterna. *Lux perpetua*. Essa luz ao sair da tribulação não é isso que os sábios de todos os tempos chamaram de bem-aventurança? Ou melhor ainda: a luta contra as pequenas mortes contínuas que, ao longo da duração, nos impedem de emergir na luz, de subir à altura, e nossa profunda tristeza, nossa tristeza infinita diante da grande morte que ameaça nos imergir para sempre no lago escuro, essas duas agonias (no sentido militante da palavra “agonia”) correspondem a um mesmo instinto metafísico.

Falando da pequena agonia cotidiana, Philippe Fauré-Fremiet usa uma linguagem que lembra a prosa litúrgica do Requiem para a qual Gabriel Fauré encontrou tantos acentos sublimes: “*libera animas defunctorum de profundo lacu, ne cadant in obscurum*; concede-lhes o exercício de sua liberdade aos mortos que todos nós somos, aos mortos vivos da derrota cotidiana; concede-nos não cair de volta nas profundezas das trevas”. “Vamos viver..., viver!” ecoam Penélope e Ulisses no final do terceiro ato. E a oferenda, falando da outra agonia, “*transire ad vitam*”.

desintegração ou desdobramento. Quanto a “Láquesis, a Parca do passado” refere-se à figura mitológica grega Láquesis, que estava associada ao destino passado das pessoas, uma moira.

Grande é a agonia, dolorosa é a emergência, decepcionante é a aventura; mas a filosofia *concrète* de Philippe Fauré-Fremiet protesta contra a desolação do fracasso e contra a tentadora perdição. Quem sabe? A confiança de Penélope e a esperança do Requiem talvez sejam apenas uma única promessa.

Vladimir JANKÉLÉVITCH,
Professor na Sorbonne.

Sobre os autores

O filósofo Philippe Fauré-Fremiet é um dos fundadores da Philosophie Concrète e vem de uma família de artistas franceses.

Seu pai, Gabriel Fauré, um dos mais proeminentes compositores franceses da sua geração, também organista, pianista e professor. Nas palavras de Baudelaire, "possuía o instinto imortal da Beleza" (DUPRÉ, 1957).

Seu avô, Emmanuel Frémiet, foi um renomado escultor, sobrinho da pintora Sophie Rude, que era casada com o escultor François Rude, seu professor. Emmanuel era filho de um supervisor do Hospital Pitié e sobrinho do prefeito de Paris, Nicolas Frochot. Sua filha casou-se com o compositor Gabriel Fauré (HILLAIRET, p. 167, 1963). Emmanuel Frémiet esculpiu a obra "*Gorille enlevant une Femme*" (Gorila sequestrando uma mulher), que causou escândalo em sua época. Um gorila terrivelmente ferido sequestra uma mulher nua que está se debatendo, sugerindo um possível ato de violência. Segundo Charles Baudelaire, a obra "despertou a curiosidade priápica" do público (DAGEN, 1994) e, aparentemente, inspirou o filme "King Kong" de 1933.

O uso dos termos francófonos

O artigo analisa a obra de Philippe Fauré-Fremiet ao longo de mais de vinte anos, destacando sua abordagem, especialmente em relação à memória. Fauré-Fremiet não está refletindo sobre temas dentro do concretismo vigente na Europa e Brasil, nem da Filosofia Concreta lusófona, mas diverge partindo de posições de Henri Bergson. Por isso, optou-se pelo termo "*concrète*" e "*Philosophie Concrète*" em vez de "Filosofia Concreta" devido a essa ser uma iniciativa francófona que rejeita a ideia de acumulação mnêmica, propondo uma visão radicalmente insituável da lembrança. Fauré-Fremiet (1954) aborda a experiência vivida, a distinção dos universos de objetivação e a recusa em privilegiar o tempo absoluto. A análise modal de sistemas ambíguos revela influências de Gaston Bachelard e E. Minkowski. A filosofia, seguindo uma metodologia bergsoniana, investiga mitos e ambiguidades contemporâneos, enfrentando o Nada e refutando a liberdade indiferente (JANKÉLÉVITCH, 1954).

A referência a "Láquesis, a Parca do passado" conecta-se à figura mitológica grega associada ao destino passado, ressaltando o aspecto metafísico presente na filosofia de Fauré-Fremiet. Jankélévitch (1954) também argumenta que Fauré-Fremiet destaca a possibilidade de intuição na vida "*omnibus*" e a dupla afirmação otimista da filosofia. O artigo conclui destacando a luta contra as

pequenas mortes contínuas e a busca pela luz sempiterna, associando essa busca à bem-aventurança. No final do prefácio, a linguagem litúrgica é evocada para expressar a agonia cotidiana e a esperança de transcender para a vida.

DAGEN, Philippe. Le Premier Artiste. In: *Romantisme*, Ano 1994, vol. 24, n. 84.

DUPRÉ, Rémi; D., R. Gabriel Fauré de Philippe Fauré-Frémiet. *Le Monde*, 01 out. 1957. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1957/10/01/gabriel-faure-de-philippe-faure-fremiet_2341466_1819218.html>. Acesso em: 20 jan 2024.

FAURÉ-FREMIET, Philippe. *Esquisse d'une philosophie concrète*. 1a edição, Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

HILLAIRET, Jacques. *Dictionnaire historique des rues de Paris*. 7. ed. Éditions de Minuit, 1963. Vol. 1. Boulevard de Beauséjour, p. 167-168.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **Preface**. In: FAURÉ-FREMIET, Philippe. **Esquisse d'une philosophie concrète**. 1a edição, Paris: Presses Universitaires de France, 1954. p. V-XI.

Recebido em: 01/2024
Aprovado em: 07/2024